22:20 88%

Não é aquela sua amiga?

O que esperar do mundo quando não se sabe nem o que esperar da própria mãe?

Tati Bernardi
Escritora e roteirista de cinema e televisão, autora de "Depois a Louca Sou Eu"

Calhou de a mulher aparecer no mesmo hotel em que eu estava com a minha filha. De dentro da piscina, eu a vi chegar ao restaurante que ficava logo em frente. Meu corpo se eriçou.

Minha filha também a viu e perguntou: "Não é aquela sua amiga?". Respondi, com uma voz agitada e infantilizada, que "não mais. Não gosto mais dela. Acabou. Brigamos. E eu não gosto mais dela. Entendeu? A gente brigou. E o lance todo da amizade acabou mesmo. Brigamos. E nem gosto mais dela. A mamãe não gosta mais dela". Eu repeti a mesma frase 89 vezes e foi como se meu analista saísse do ralo da piscina para fazer aquela carinha marota de "ôpa, tem coisa aqui, né, querida? Vamos olhar pra isso com coragem?".

Minha filha me contou que empurrou a Julia na fila do pula-pula, na festa da Lorena. E que a Julia a empurrou de volta na fila do elevador em queda livre, minutos depois. E que na hora de cantar os parabéns elas já estavam grudadas novamente. Então, tudo bem, isso passa. Foi seu conselho para mim.

Desejei que a vida de uma mulher de 44 anos fosse fácil assim. O empurrão que dei e levei, em relação a essa ex-amiga, causou tantas questões psíquicas e financeiras que talvez eu preferisse subir mil vezes seguidas naquela desgraça de elevador em queda livre da festa da Lorena (eu cheguei cedo ao evento, a tempo de ser levada pela minha filha para experimentar o brinquedo, e com a graça de Deus havia um Vonau sublingual 8 mg na minha bolsa).

Mesmo morta de fome, virei uma uva passa humana dentro da piscina. Rita me implorava, pela primeira vez em seis anos de existência: "Manhê, quero feijão". "Não, filha, vamos esperar a fulana sair do restaurante. Não quero ter o desprazer de cruzar com ela. Porque eu não gosto mais dela. Brigamos." A coisa da amizade acabou. É assim quando nos tornamos adultos esfolados pela vida (e por danos contratuais). As coisas morrem e nenhuma mesa de bolo com docinhos nos salva ao final.

Cheguei ao restaurante quase no final da tarde. Uma senhora veio correndo e me segurou pelo braço: "É você!! Nossa! E a outra também está aqui, você viu? Que coincidência, não? Eu amava tanto o programa de vocês! Pena que acabou! Eu maratonava tudo! Posso tirar uma foto com as duas juntas?". Minha filha olhou para a senhora com a paciência de quem implorava havia horas por uma carne e falou: "Minha mãe não gosta mais dela. Brigaram. Acabou a amizade. Tchau".

Estava indo me sentar (talvez deitar, tamanha hipoglicemia) quando a diaba surgiu como uma aparição de Nossa Senhora na minha frente (usava uma saída de praia ampla e clara), com sua imensa beleza sempre escamoteada pelo tipinho "mais uma garota normal de óculos" que ela gosta de imprimir socialmente. Perguntou se eu queria dividir uma mesa com ela e seu filhinho, e me vi berrando que sim. Quero! Minha filha perplexa. O que esperar do mundo quando não se sabe nem o que esperar da própria mãe?

Cara a cara com meu desafeto e tudo o que ele invocava, não pude controlar meus ossos e me dobrei completamente em sua direção. Mergulhei meu lábio em chamas na bochecha de ar condicionado que ela me ofereceu. Tive vontade de enfiar meu rosto inteiro dentro do seu coração. Tive vontade de contar que, entre tantas idades, ainda tenho a idade de minha filha —e pedir companhia para o pula-pula e o bolo (o elevador não). Mas escolhi uma mesa distante.

Por que a gente decide não gostar mais de quem a gente ainda ama?

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Giovana Madalosso | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | **SÁB. Oscar Vilhena Vieira**, Luis Francisco Carvalho Filho

Derrite privilegia ex-oficiais da Rota na cúpula da PM de SP

Para especialistas, mudança pode ser indicativo de endurecimento nas ações

Rogério Pagnan e Carlos Petrocilo

SÃO PAULO A nova configuração da Polícia Militar de São Paulo, resultado da troca de 34 coronéis promovida pelo secretário Guilherme Derrite (Segurança), aponta para um possível recrudescimento na política de segurança do estado. Com as mudanças, os cargos mais importantes da instituição agora são ocupados exclusivamente por coronéis com experiência na Rota.

Para especialistas ouvidos pela **Folha**, os movimentos do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) indicam uma opção pela força bruta em detrimento da inteligência policial. A gestão afirma que as alterações fazem parte da rotina da PM.

A Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) é uma tropa de elite da PM paulista que ganhou fama pelo alto índice de letalidade em supostos confrontos com suspeito.

Na nova PM de Derrite, até mesmo o comandante da Corregedoria tem passado rotariano (como seus membros são conhecidos). Para a função, foi nomeado o coronel Fabio Sérgio do Amaral que estava na Academia Militar do Barro Branco desde o ano passado, em outra troca de coronéis feita por Derrite.

Na lista de ex-Rota, além do próprio comandante-geral da PM, Cássio Araújo de Freitas, que foi mantido no cargo, vêm os coronéis José Augusto Coutinho (nomeado para o subcomando-geral); Valmor Saraiva Racorti (para o Choque); e Gentil Epaminondas de Carvalho Júnior (para a Coordenadoria Operacional).

Carvalho, como é chamado na PM, assume todo o planejamento e emprego de tropa no estado. Torna-se responsável pela organização de policiamentos de eventos como Carnaval, F-1, Operação Verão e visitas de autoridades. Pela importância da função, é considerado o número três da corporação.

A lista de ex-Rota se completa com o coronel Pedro Luís de Souza Lopes. Ele deixa a Assessoria Militar da Secretaria de Segurança, ligada diretamente a Derrite, para comandar o Centro de Inteligência da PM. O órgão realiza acompanhamento da conjuntura da criminalidade no estado e do crime organizado.

Lopes, segundo coronéis ouvidos pela Folha, é um dos oficiais envolvidos em escândalo de escutas clandestinas na sede da Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo, em 2017. Na época, ele era um dos capitães que trabalhavam na Assessoria Militar do Ministério Público.

Sobre a investigação envolvendo Lopes, a Secretaria da Segurança diz que o caso foi investigado e arquivado. O oficial não quis comentar.

A movimentação de 34 coronéis da PM paulista provocou uma crise na cúpula da segurança pública. Oficiais ouvidos pela reportagem afirmaram que tiveram conhecimento das mudanças pelo Diário Oficial, em uma atitude considerada totalmente desrespeitosa com policiais que dedicaram anos na corporação.

Os coronéis disseram ter ficado revoltados com a ação e declararam guerra a Derrite.

Para o coronel da reserva Elias Miler da Silva, diretor legislativo da Federação Nacional das Entidades de Oficiais Militares Estaduais, o episódio envolvendo o alto comando da PM paulista é um caso extremamente grave e prejudica, ao final, o trabalho de segurança oferecido à população.

"Muitos ficaram sabendo pelo Diário Oficial. Você não faz isso com a direção de qualquer órgão, qualquer empresa, pública ou privada. Isso é grave, muito mais numa instituição militar, muito mais. À medida que eu não protejo o alto comando, eu fragilizo toda a instituição. Não é porque é coronel, é porque você desrespeita a direção da instituição", afirmou ele.

O principal alvo do secretário na mudança era o número dois da corporação, o coronel José Alexander de Albuquerque Freixo. Considerado um dos mais respeitados coronéis paulistas, era visto como o principal defensor da PM contra as interferências políticas na instituição e crítico de ações violentas.

Freixo era considerado um dos defensores do programa de câmeras corporais, dentro de uma política de redução da letalidade da polícia construída ao longo de anos pela PM.

Para o diretor-presidente do Fórum de Segurança Pública, Renato Sérgio de Lima, a predileção de Derrite por coronéis oriundos da Rota indica uma política que opta pela força bruta em detrimento do uso da inteligência, desvalorizando, até, a importância dessa tropa "que é muito mais do que força".

"A Rota tem gente muito qualificada, mas que é treinada para ir para cima do problema e enfrentá-lo. A tecnologia pode selecionar melhor onde a Rota poderia atuar e como. Parece que a opção do secretário por enfrentar tudo e todos desconsidera evidências e responde apenas à lógica eleitoral", disse.

O Ouvidor da Polícia, Cláudio Aparecido da Silva, diz ver com preocupação as mudanças na PM, principalmente em "meio a um dos momentos mais agudos na condução da segurança pública em nosso estado", quando a letalidade policial cresce e, especialmente na Baixada Santista, "deixando um alarmante saldo de mais de meia centena de mortos em menos de dois meses".

"Saem os legalistas, entram em seus postos coronéis da Rota. A chave interpretativa para a troca pode estar nas palavras do número dois da corporação, exonerado neste ato, que declara que 'saí com a consciência e as mãos limpas'. Espera-se que os entrantes façam eco a essa ideia de honradez e compromisso com o estado e a nação, e não uma ação entre amigos", disse. Quanto a mudança dos coronéis, a Secretaria da Segurança diz que a atual gestão "reconhece e valoriza o trabalho dos policiais paulistas" e fala que movimentações de policiais fazem parte de uma rotina. "Desde o início do ano, uma série de promoções por mérito e movimentações de rotina foi efetuada junto às polícias Civil, Militar e Técnico-Científica do estado. Tais medidas são planejadas e executadas a partir de critérios estritamente técnicos com o objetivo de aprimorar constantemente a atuação policial e reforçar a segurança de toda população", diz a nota.

> A Rota tem gente muito qualificada, mas que é treinada para ir para cima do problema e enfrentá-lo. A tecnologia pode selecionar melhor onde a Rota poderia atuar e como. Parece que a opção do secretário por enfrentar tudo e todos desconsidera evidências e responde apenas à lógica eleitoral
>
> **Renato Sérgio de Lima**
> diretor-presidente do Fórum de Segurança Pública

Três são presos sob suspeita de ajudar fugitivos de Mossoró

Raquel Lopes e Ana Pompeu

MOSSORÓ (RN) E BRASÍLIA Três pessoas foram presas sob suspeita de ajudar na fuga de dois detentos da penitenciária federal de Mossoró, a 282 km de Natal. As buscas pelos fugitivos chegaram ao nono dia.

Dois dos detidos na operação foram presos em flagrante com armas e drogas, enquanto um terceiro estava com mandado de prisão e foi preso pela Polícia Federal em Quixabeirinha, em Mossoró. Um carro também foi apreendido pela polícia.

A investigação já trabalhava com a hipótese de que a dupla tivesse recebido ajuda fora do presídio. Isso, inclusive, teria motivado o cerco realizado na quarta (21) na cidade de Baraúna (a 315 km de Natal).

Os fugitivos são Rogério da Silva Mendonça, 36, conhecido como Tatu, e Deibson Cabral Nascimento, 34, chamado de Deisinho. Segundo as investigações, eles são ligados ao Comando Vermelho (CV).

De acordo com informações da 8ª Vara Federal de Mossoró, um homem foi preso por volta das 17h de quarta-feira (21). Ele mora na cidade, foi preso em casa e não apresentou resistência. A suspeita é de que ele teria prestado "auxílio material" aos dois fugitivos, para ajudá-los a sair de onde estavam. Não teria sido, no entanto, em forma de dinheiro.

O preso também não teria qualquer vínculo com a penitenciária e a ajuda teria sido apenas após a fuga, segundo os investigadores. A íntegra da decisão está em sigilo para preservar as investigações.

A busca pelos dois detentos chegou ao nono dia nesta quinta-feira. Segundo agentes que atuam na área operacional, as equipes trabalham em um raio de 15 km, com o empenho integrado de todas as forças de segurança federais e estaduais. Parte da região de Baraúna está incluída nesse raio.

Policiais têm enfrentado diferentes desafios na operação, como buscas em cavernas e matas, presença de animais peçonhentos e chuvas frequentes.

Novos policiais têm chegado quase todos os dias à região. Já são cerca de 500 envolvidos, segundo o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski. Na segunda (19), o ministro autorizou o emprego de mais cem homens da Força Nacional nas buscas.

A investigação aponta que os dois fugitivos usaram uma barra de ferro retirada da estrutura da própria cela para escavar o buraco da luminária pelo qual conseguiram escapar.

Ao adentrarem em um shaft (espaço ao lado das celas destinado à manutenção do presídio, onde estão localizadas máquinas e tubulações), alcançaram o teto do sistema prisional, que não tinha grade, laje ou um sistema de proteção.

O presídio estava passando por uma reforma interna, havendo operários e ferramentas que possivelmente estavam espalhadas e ao alcance dos fugitivos.

Viatura usada na busca pelos fugitivos da penitenciária de Mossoró José Aldenir/Thenews2/Ag. O Globo